



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# BEATRIZ

Novela infantil por MARONIA ————— Desenhos de ADOLFO CASTANE

**E**RA uma vez uma menina muito bonita chamada Beatriz. Seus pais tinham morrido muito novos e Beatriz foi viver com seu avô paterno na misera cabana em que este habitava uma linda aldeia do norte do país.

O avô trabalhava no campo, mal conseguindo, com o produto do rude labor de cada dia, adquirir o indispensável para o sustento d'ele e da neta. Beatriz era quem cuidava da casa, a-pesar da sua pouca idade — doze anos.

Um dia, o avô de Beatriz adoeceu e o seu organismo robusto, mas cansado duma vida de trabalho e pouco afeito á doença, foi impotente para se opôr ao mal que o minava, embora não lhe faltassem os cuidados desinteressados do médico da terra e os da pequena Beatriz. Sentindo-se morrer, o velho chamou a neta á beira do seu leito e, tentando afagar-lhe os cabelos com as mãos já trémulas, disse com voz fraca quasi ininteligível já: — Beatriz... minha nétnha... Vais ficar sem o teu avô... Peço-te que sejas sempre boa... Adeus...

Morto o avô a pequena Beatriz ficou só no mundo, pois não tinha mais parentes. Uma vizinha, pobre como ela mas caridosa, que a havia encontrado sem sentidos junto do leito sobre o qual jazia o cadáver do avô, abriu uma subscrição para custear o funeral d'este e quiz levar para casa a infeliz órfã, para a sua casa pobre, onde Beatriz seria mais uma boca a sustentar. A pequena Beatriz foi forçada a aceitar o desinteressado oferecimento da vizinha, mas ao seu coraçãozinho bom e á sua consciência recta, repugnava receber essa esmola que, de algum modo, sobrecarregava a vizinha, cujas magras posses já mal chegavam para sustentar os próprios filhos. Por isso, alguns dias depois da morte do avô, a desditosa Beatriz resolveu ir servir.

Depois de ter dado parte da sua resolução á sua benfeitora, Beatriz dirigiu-se, com um certo acanhamento, á casa do Doutor Martins, o bom médico da terra, cujos desinteressados esforços não tinham logrado vencer a morte que espreitava o avô da pequena. Beatriz queria pedir á esposa do médico, á sr.ª D. Cristina, que lhe arranjasse, por intermédio dos seus conhecimentos, uma casa onde ella pudesse ir servir. D. Cristina, depois de ter inquirido com bondade quais os motivos que haviam determinado em Beatriz, tão pequena, o desejo de ir servir, comovida com o pensar da pequena, prometeu envidar todos os seus esforços para a satisfazer, acrescentando:

— Vai descansada, minha filha. Olha, agora me lembro

de que a madrinha do meu filho, uma senhora inglesa, a quem o lindo céu do nosso país atral frequentes vezes a Portugal, me pediu que lhe arranjasse uma criada de fóra para uma amiga dela que mora em Lisboa. A casa é de pouco trabalho, e talvez te convenha. A madrinha do meu filho deve vir no domingo, a fim de passar cá uns dias e, no caso de tudo se arranjar, é com ella que tu vais para Lisboa.

Beatriz agradeceu muito á boa senhora o interesse



que lhe demonstrara e retirou-se um pouco mais confor-mada com a sua sorte, mas não sem ter sido forçada a aceitar alguma comida e uma pequena lembrança em dinheiro.

Quando transpunha o grande portão que dava ingresso na propriedade do Doutor, Beatriz corou intensamente ao ver que era alvo da curiosidade de um rapaz dos seus 20 anos, alto e simpático que olhava, com interesse e compaixão, o seu rostozinho lindo, os seus pé-

zitos descalços e o vestidinho preto—velho, mas limpinho—que devia á caridade alheia. Envergonhada, a pequena apressou o passo, ao mesmo tempo que pensava: «—Querem ver que este senhor tão bonito é que é o filho do sr. Doutor!... Naturalmente é o menino António, aquele que anda a estudar para medico, assim como o pai...»

Passados dias, estava Beatriz no rio a lavar os seus trapinhos, quando sentiu atrás de si a senhora do doutor que falava com outra senhora numa lingua estranha. A pequena levantou-se e, voltando-se para as duas senhoras, deu-lhes, timidamente, as boas tardes.

—Adeus, Beatriz. Ainda bem que te encontro; estava para te mandar chamar, disse D. Cristina. Esta senhora é que é a madrinha do meu filho e é ela quem te há-de levar para Lisboa, se tu ainda estiveres com vontade de ir servir...

—Ai não, não estou! O ponto é que aquella senhora me queira... disse a garota, corando sob o olhar da inglesa que a mirava com sympatia, ao mesmo tempo que murmurava a meia voz: «*Very nice, the little girl...*»

Decorreram cinco anos.

Na pequena aldeia do norte de Portugal em que se passou a primeira parte desta história, nada de extraordinário aconteceu durante este lapso de tempo.

O Doutor Martins lá continua a exercer, bondosamente, a sua clinica e a sua dedicada companhia ainda não deixou de fazer aos pobres todo o bem que tem podido. Ambos vivem tranquilamente, com aquella paz da consciência que dá a satisfação de dever cumprido, e uma só nuvem tolda a felicidade do seu viver: — a saúde do filho (o sr. dr. Antoninho, como lhe chama carinhosamente o povo lá da aldeia), que, apesar de formado há três anos apenas, conseguiu já que o seu nome seja considerado e respeitado no meio científico, devido á descoberta da cura duma das doenças que mais têm affligido a Humanidade.



Da nossa pequena Beatriz nunca mais na terra se soube nada. Desde que a garota tinha partido para Lisboa com Mrs. Wilson e o marido, os padrinhos de António Martins, nunca mais se ouvira falar nela. D. Cristina ainda preguntara por ela numa carta a Mrs. Wilson e esta, já de regresso a Inglaterra, respondera muito laconicamente que a pequena ficara entregue aos cuidados da patrão, a quem parecia ter agradado. Depois disto nunca mais se voltara a tocar no assunto, na correspondência trocada entre as duas senhoras; no entanto, a esposa do medico não esquecera a pequena orfã, cujo nobre pensar a comovera sinceramente outrora, e reservava-se para interrogar sobre o assunto a amiga que, após cinco anos de ausência, lhe prometera vir em breve passar com ela uma temporada.

Na ocasião em que retomamos a nossa narrativa, está em festa a casa da familia Martins:—o Dr. António Martins, de 25 anos graves e simpáticos, já aureolados pelo saber, encontra-se na paterna casa nortenha, no goso dum bem merecido repouso. Cercam-no a orgulhosa ternura dos pais a quem muito quere e a estima respeitosa dos seus conterrâneos.

Na grande casa de jantar da propriedade, acabado há pouco o almoço, o doutor Martins, pai, passeia, con-

tempiando com satisfação o filho e a mulher, ternamente abraçados, quando uma criada aparece trazendo uma pequena salva de metal branco sobre a qual vem uma carta.

—E' do teu padrinho, naturalmente a dizer quando vêm,—diz o velho doutor para o filho, ajeitando a luneta para melhor se inteirar do conteúdo da carta. E' efectivamente de Wilson,—acrescentou depois de ter lido,—diz-me que contam chegar aqui no domingo e que trazem com elles uma amiga, se nós não virmos inconveniente nisso... Wilson faz-me os melhores elogios dessa senhora que parece ter o máximo empenho em ver a nossa terra. Vêem algum inconveniente em que a recebamos?

—Eu não vejo nenhum,—respondeu D. Cristina—embora fosse, talvez, mais agradável receber uma amiga tão querida como é Joana Wilson sem ter que dar atenção a estranhos. Dize a Wilson que a amiga será benvinda...

—Tanto mais que o facto de o padrinho e da madrinha a estimarem e prezarem a sua companhia, é uma garantia das boas qualidades da pessoa em questão,—rematou o mais novo dos Drs. Martins.

—Vou, então, telegrafar a Wilson, dizendo-lhe que os esperamos com impaciência, disse o chefe da familia, dirigindo-se para a porta.

Domingo de tarde.

Em casa do Dr. Wilson está tudo a postos para receber os hóspedes que devem chegar de automóvel, dum momento para o outro.

D. Cristina já passou pela última vez em revista os quartos destinados aos visitantes, a fim de ver se nada lhes falta.

Os Drs. Martins encontram-se no pátio situado em frente da casa, conversando, fumando e esperando os seus amigos.

—São elles — exclamou o Dr. Martins, pai.

—Cristina! oh Cristina, já aí veem!

—Cá estou,— respondeu D. Cristina, aparecendo no pátio, ao mesmo tempo que um soberbo Chrysler se detinha junto da porta que António Martins se apressou a abrir.

Os recém-vindos apeiam-se do carro. Depois de trocados os primeiros cumprimentos entre os ingleses e os donos da casa, Mrs. Wilson apresentou a estas a amiga, uma lindíssima rapariga vestida de preto que olhava para tudo e todos com um ar a um tempo meigo e comovido:

—A minha amiguinha Beatriz Pereira, que espero seja, dentro em pouco, também, a vossa,—disse a inglesa no seu português quasi impeccável, que só uma ligeira pronúncia saxónica alterava.

—E' curioso,—disse a mulher do medico,—que os traços fisionómicos desta senhora não me são inteiramente desconhecidos e eu pergunto a mim própria onde poderei tê-la visto.

Mrs. Wilson sorriu e não respondeu, tendo a conversa tomado um povo rumo enquanto davam ingresso em casa.

D. Cristina indicou aos hóspedes os aposentos que lhes competiam, para que elles mudassem de fato e repousassem um pouco. Combinaram encontrar-se todos daí a duas horas para tomarem o chá.

Cinco horas.

A familia Martins e os seus hóspedes encontram-se na casa de jantar. Um chá odorífero, gentilmente servido pela formosa Beatriz, lungega nas chávenas. Conversa-se.

—Tenho perguntado a mim mesma, donde e como conhece a Beatriz (visto que ela não quiere que a trate por sr.<sup>a</sup> Dona...),—disse, de repente, a mulher do medico.—e não consigo lembrar-me.

—Pois olha que não é de muito longe...—disse, sorrindo, Mrs. Wilson. Se eu te disser que esta linda Beatriz não é mais nem menos que a pequena órfã que, há cinco anos, me confiaste...!?

—O quê?!...—exclamou D. Cristina. Pois esta é a Beatriz, a pobre Beatriz que eu te entreguei há cinco anos?!...

—Oh! Esperem... é uma rapariguita que eu me lembro de ter visto, sair cá de casa um dia, há anos, quando cá estava a passar umas férias e cuja infantil beleza, já prometedora dos futuros encantos, me despertou a atenção!...—atalhou António Martins olhando para Beatriz, que corou intensamente.

Mas como é que se dá o caso de termos o prazer de receber em casa, na qualidade de tua amiga, a pequena Beatriz que tu daqui levaste para a confiars a uma tua amiga, numa situação, mais modesta... perguntou, curiosa, D. Cristina.

—O caso é muito simples e explica-se em poucas palavras, como vão ver,—respondeu Mrs. Wilson. A minha amiga Ana Pereira e seu marido tinham um grande desgosto:—não ter filhos... e as boas qualidades da pequena criada que lhes levei daqui, levaram-nos a consagrar a esta todo o grande amor que teriam tido aos filhos que Deus lhes negara. Beatriz dentro em breve passou a ser considerada pelos patrões como filha e justo é dizer que em nada desmereceu do grande afecto que os seus pais adoptivos lhe consagraram, acarinhando-os muito e pro-

uma vez ia ficar só no mundo... Eis a razão porque vês agora, em tua casa, na qualidade de amiga, a ex-pequena e ex-pobre Beatriz, que tu não esperavas tornar a encontrar desta maneira... é que só ás suas boas qualidades e ao seu nobre pensar deve o bem-estar que hoje disfruta. Não calculas como ela estava contente, impaciente, nos últimos dias que passámos em Lisboa, por tornar a ver a terra onde repousa o seu avô...

—...E também por poder tornar a ver a sr.<sup>a</sup> D. Cristina, a cuja bondade eu devo o ter sido levada para Lisboa por Mrs. Wilson... e ser o que sou hoje...—concluiu Beatriz, pegando, com os olhos merejados de lágrimas, na mão da esposa do medico e levando-a aos lábios.



Acreditar-me-iam se eu dissesse que os comparsas desta cena, se não sentiram comovidos? Creio que não, e tinham razão.



curando satisfazer-lhes os menores desejos. Foi uma verdadeira filha, dedicada e meiga, que encheu de orgulho os pais, pelas suas boas qualidades morais e físicas e pela sua inteligência viva que assimila rapidamente tudo o que lhe ensinam.

Ana Pereira e o marido faleceram ha alguns meses, a pouca distancia um do outro (porque Deus não quiz separar muito tempo na morte os que tão amigos tinham sido em vida), não sem que tivessem previamente instituído Beatriz herdeira de todos os seus bens, Beatriz, a nossa linda Beatriz, que fora para eles uma enfermeira dedicadíssima.

«Antes de morrer, Ana Pereira conseguiu ainda forças para me escrever uma carta muito comovente em que me pedia que velasse pela sua filha adoptiva, que mais

Três meses depois da cena que tão imperfeitamente acabo de descrever, o «Século» inseria a seguinte noticia nos «Ecos da Sociedade»:

«Realizou-se, ontem, na igreja matriz de X... a linda aldeia do norte do país, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Beatriz Pereira, filha do importante proprietário, já falecido, sr. José Pereira e da sr.<sup>a</sup> D. Ana Pereira, também já falecida, com o illustre clinico sr. dr. António Martins, filho da sr.<sup>a</sup> D. Cristina Martins e do sr. dr. Francisco Martins. Testemunharam o acto por parte da noiva o conhecido industrial inglês Mr. John Wilson e sua esposa e por parte do noivo seus pais.

«A cerimónia realizou-se na maior intimidade, devido ao facto da noiva se encontrar de luto.

«Os noivos, a quem apetece as melhores venturas, partiram para o Bussaco, a passar a lua de mel, vindo, depois, fixar residência na capital».

O que o grande jornal não dizia é que, no momento em que os recém-casados saíram da igreja, uma mulher os cobriu de flores e de bênçãos, chorando. Essa mulher era a antiga vizinha de Beatriz, a que a quizera levar para sua humilde casa e a quem a jovem estabelecera agora uma pensão que lhe permitirá viver desafogada durante o resto dos seus dias.

# A vizinhança da Horta

por Julião Selvagem

S

R. Galo, da licença?

— Entre, vizinho entre...

E o coelhinho entrou, saltitando, pela capoeira.

Era manhã. O sol doirava já o pico da serra e na horta o tio Anacleto apanhava umas alfaces fresquinhas, assobiando alegremente, sem dar conta do que se passava na capoeira, sem sequer, ter visto o coelho ir de visita aos galináceos.

Dentro da capoeira, a um canto, sobre uma «poltrona» de verga, estava a D. Galinha, cacarejando, alimentada com a febre daquela primeira postura.

— Então como está a nossa doente?

— Felizmente — respondeu o Galo — pior não está.

Chegaram ao canto onde repousava a D. Galinha e logo esta principiou a debicar dos outros:

— Ai, vizinho Coelho... oxalá eu nunca tenha de pagar-lhe estas visitas, para sossego da sua Coelhinha. E ela como vai?

— Bem, obrigado. Mas, então, essa febre?

— Continua. Há-de ser o que Deus quiser... Mas tenho-me ralado... A casa está uma vergonha... suja, imprópria para receber... Aposto que por lá não sucede o mesmo!... Não é como aqui a Porca da vizinha do lado, que tem sempre a casa que é uma peste.

«A minha comadre Perua até diz que passam dias e dias sem que ela lave o focinho. Só eu tanto me ralo por não poder ter tudo limpinho.

E o sol banhava já a horta e o pomar, salpicando de oiro o asfalto da capoeira.

O tio Anacleto continuava a assobiar, mas já preparando o almoço dentro da habitação que, aquela hora, tinha uma frescura sonolenta.

A porta da casa do hortelão, uma macieira enorme, carregada de frutos vermelhinhos, a rir por entre a folhagem verde, punha uma mancha de sombra acolhedora, que fazia ressaltar a alvura dos umbrais calados. Tudo era sossego, paz, harmonia...

Só, na capoeira, o coelhinho respondia á D. Galinha: — Então, vizinha, o que há-de fazer?

Deixe lá, que a minha Coelha, assim que puder, quando acabar a lida, cá virá dar uma volta.

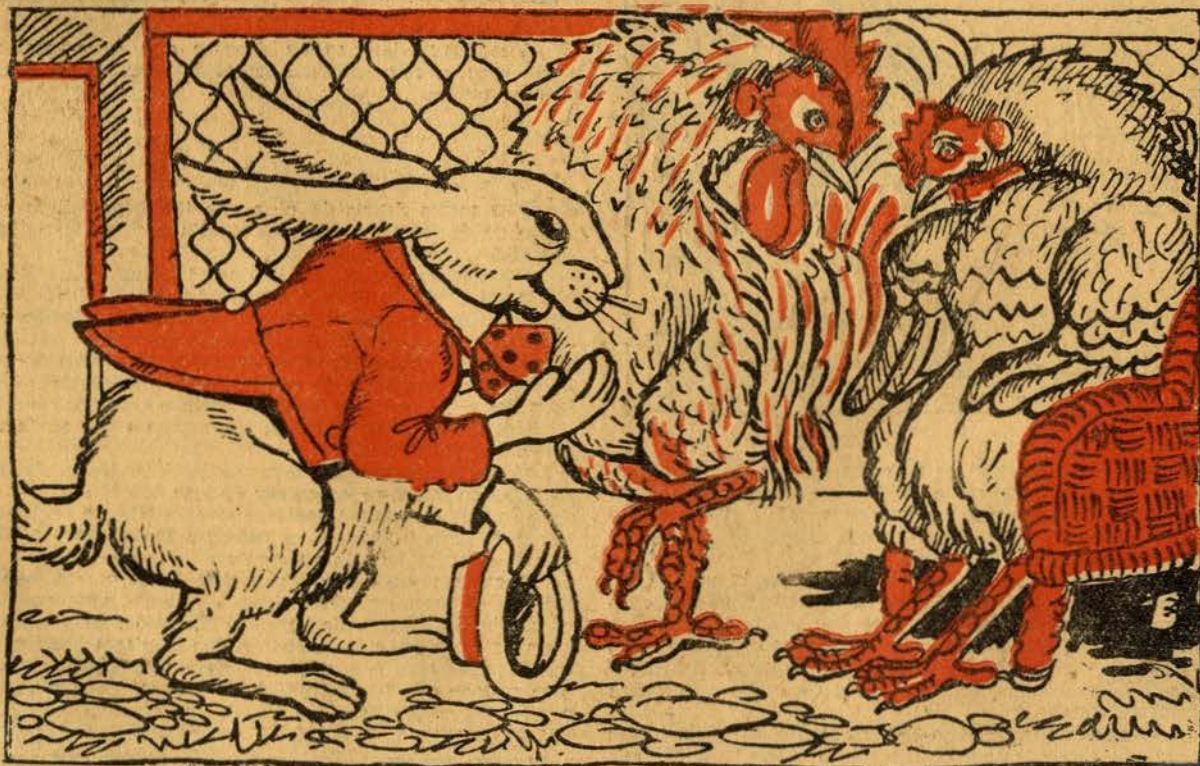
— Tanto incómodo... Nem sei como pagar-lhes.

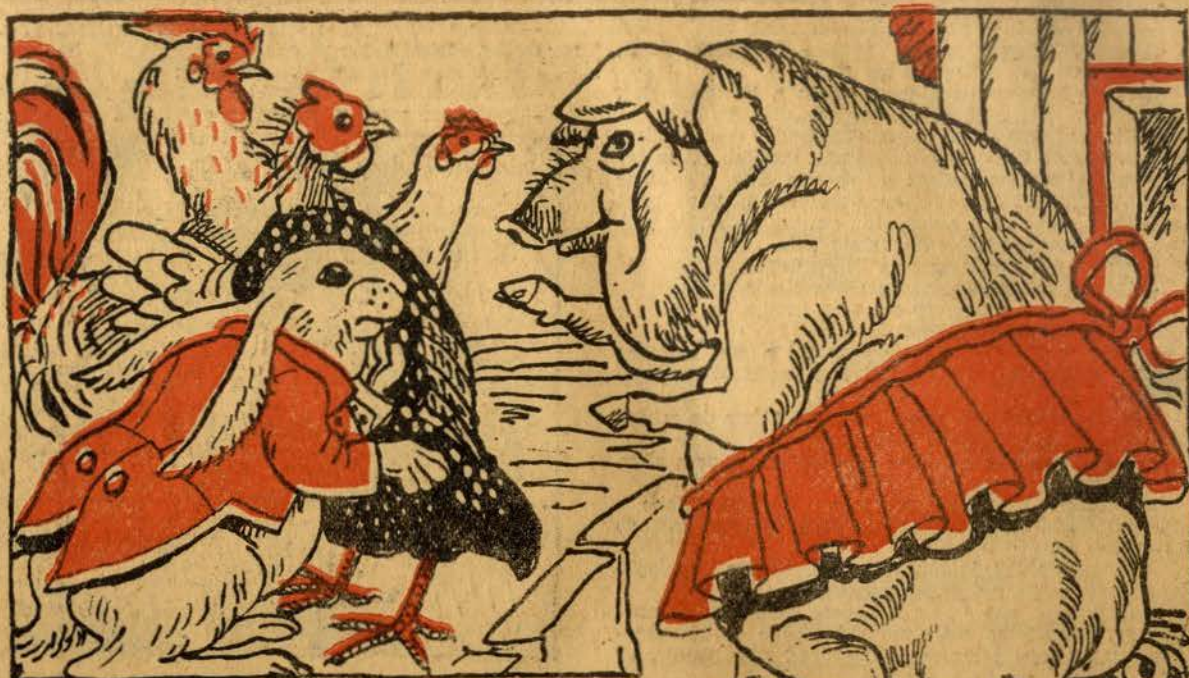
E todos os dias, enquanto durou o chôco, o casal de Coelhos ia visitar os seus vizinhos, sem que o tio Anacleto desse por isso.

Quando a D. Galinha ponde, finalmente, sair, acompanhada da sua ninhada de pintos, encontravam-se todos os dias e iam gozar a fresca sombra da macieira.

Enquanto a família miúda brincava com os grãozitos de areia, os pais conversavam com os seus vizinhos e amigos, que, durante a longa enfermidade, tinham tido a delicadeza de socorrer a D. Galinha.

Os dias rolaram e uma manhã, quando na capoeira os «petizes» faziam uma algazarra que incomodava toda a bicharada vizinha, bateu á porta a comadre Perua, pe-





dindo se lhe forneciam umas bicadas de milho, pois que se haviam esquecido de lh'o pôr.

Veio à grade a comadre Galinha que disse:

— Ai, comadre... que pena não poder satisfazer o seu pedido mas, bem vê, os petizes estão na idade própria de muito alimento e não há comer que baste.

«Mas bata all á porta de mestre Coelho, que é um idiota de bom coração, que a socorrerá, ainda que fique sem comer.

A Perua foi e de lá trouxe umas folhas de couve e passando pela comadre, que espreitava o resultado, disse:

— Pobre dêle, coitado! Ficou sem coisa alguma. Amanhã lá lhe levarei uma parte do meu quinhão...

— Não faça isso! — acudiu a D. Galinha — aquilo é um casal de raça, que merece todo o carinho do dono e nós não sabemos ao que chegaremos...

E separaram-se a rir.

A voz de que o casal de Coelhos era muito bondoso e amigo de repartir com os vizinhos aquilo que as boas graças do tio Anacleto lhe levava, correu de capoeira em capoeira e todos se habituaram a visitá-lo, mas apenas com o fim de se aproveitarem dêle para conseguirem melhoria no alimento.

E os coelhos davam tudo.

Porem, o melhor que repartiam, era a amizade pelos

vizinhos, o coração onde guardavam aquelas falsas afeições.

A' tardinha, quando recolhiam, despediam-se com todos os afectos e muita garantia duma grande amizade.

Mas, cá fóra, longe das vistas e das orelhas do bom casalinho, riam perdidamente, troçando da sua ingenuidade.

Enquanto elles riam e o sol se escondia para lá da serra, deixando nos campos o calor melancólico dos seus últimos raios, o casal de coelhinhos aspirava, a largos haustos, o perfume do feno maduro.

— Vês — dizia mestre Coelho — quantos amigos se conseguem pela nossa maneira afável de receber?

«A amizade sincera, o fino trato e o bom acolhimento, são a maior das fortunas, o melhor bem que possuímos!»

«Quando um dia formos velhos lembrar-se-hão de nós...»

\*

\* \*

O inverno chegou.

Chegou, com êle, o frio, a neve e todo o cortejo negro da escassez da horta.

Logo de manhãzinha, o tio Anacleto abria a porta e olhava, tristemente, a terra coberta de geadas, que tudo queimava.

Era uma desolação ver as hortaliças anémicas e mirradas, pendentes com o peso do gelo que se aninhava por entre as fôlhas.

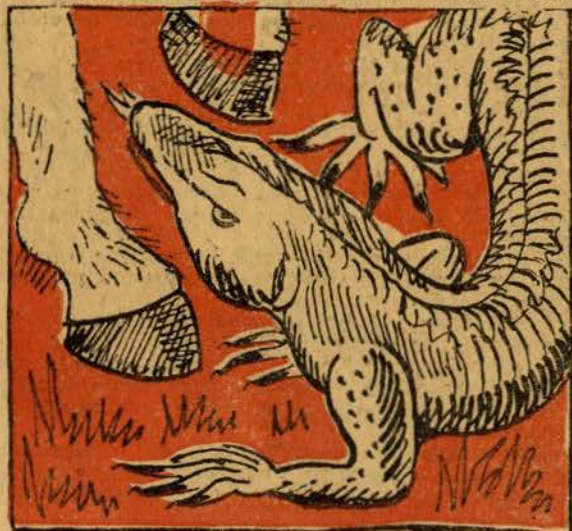
O tio Anacleto olhava, depois, as capoeiras, aqueles lares prestes a conhecerem as agruras da fome.

Porém, o que mais o apouquentava era o casal de coelhos de raça que, tristemente, aninhados ao fundo da sua capoeira, pareciam duas bolas de arminho, dois flocos da neve que caíra e que se via, além, na serra vestida de noiva...

Uma manhã, em que o Coelho não tinha em casa nem um talo de couve, bateu á porta dos vizinhos, mas todos êles se negaram a prestar-lhe auxilio.

Então foi ter com o seu amigo Galo que, ao ver o seu vizinho, segredou:

— Oíça... para a próxima época guarde o que tiver porque os outros fazem o mesmo...



— Se eu dei tudo quanto tinha!...  
E afastou-se para a sua capoeira de orelha caída, mais triste do que a tristeza do dia.

Dai a momentos bateu-lhe à porta a D. Perúia que, arrastando a asa, reffilona e repontuda, lhe bradou:

— Diga-me uma coisa, vizinho Coelho: O que foi dizer ali a D. Porca? Você é um intriguista que lhe foi meter nos ouvidos umas mentiras a respeito dela não lavar o focinho, dizendo que fui eu quem lhe contara isso! Era melhor olhar para a sua vida em vez de andar pela casa dos vizinhos a falar da vida alheia...

— Mas quem lhe disse isso, D. Perúia?

— Quem? O meu compadre Galo, que o ouviu.

Foram ambos esclarecer o caso á pocilga da Porca e esta, assim que os viu, disse:

— Aqui, quem falou desse caso foi a sua comadre Galinha, censurando o mestre Coelho por levantar essas calúnias.

«Eu não saio nunca daqui, por isso falam da minha vida... e voltando-se para o Coelho:

«Eu sei que não foi o vizinho porque é uma alma boa e generosa.

«Só quem tenha alma perversa e que não tenha o espírito de boa camaradagem se pode divertir, falando dos outros...

A discussão fez juntar, ali perto, toda a população bicharal da horta e a Porca continuou:

— O vizinho, que é bom e sincero, acreditou na amizade de todos estes mal intencionados e os que acreditam, assim, nas amizades impostoras, não podem, de forma alguma, ser maus amigos.

Sirva-lhe isto de lição para se não fiar nas cantigas dos vizinhos que se dizem camaradas sinceros e leais.

«As aparências iludem, amigo Coelho, e, ás vezes, um pórco tem a alma bem limpa e não a suja a maldizer a vida dos outros.

O coelhinho, depois disso encontrou o seu vizinho burro a quem contou a história, comentando:

— Quem havia de dizer?! Parecia tão meu amigo.

«É bem certo que «quanto mais alto colocamos uma amizade, maior é a distância que nos separa dela...

— Ora, meu caro — disse o orelhudo — não é só entre



os seus vizinhos da horta que se notam desavenças. Em toda a parte em que haja um egoísta se desmancha a harmonia do resto dos amigos.

E contou-lhe a sua história.

— Eu, também, acreditei em que era possível a sinceridade nos que levam a vida a rastejar no pó.

«Um dia, foi no verão estava o campo atapetado de relva verde e fresca, andava eu aproveitando uma folga do meu trabalho quotidiano, a comer aquela petisco, que me fazia brilhar os olhos de contentamento.

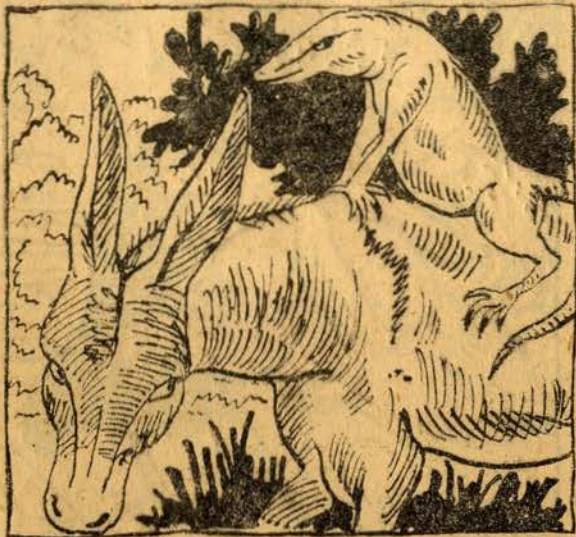
«Uma das minhas mãos ia pousar sobre um lagarto quasi da cor da erva e esmagava-o, certamente, se o reptil não tem a lembrança de me gritar:

— Mestre burro! Que mal lhe posso eu fazer para me matar, assim, duma patada?

«Eu evitei o desastre, mas disse-lhe:

— Vil bichano! Que fazes tu na minha propriedade?

— Fasseava, mestre! Aprendia consigo a aproveitar



o tempo para restaurar as forças, comendo, em vez de descansar, como era lógico.

— A lógica?!... Lógica de lagarto... E a tua lógica não te aconselhou a não te atravessares no meu caminho?

— Mas, mestre... eu sou seu amigo e vinha justamente visitá-lo, para conversarmos um pouco.

«Eu sensibilizei-me e retorqui:

— Pois bem, amigo, aqui o sol abraza e não é sitio para conversarmos. Entra na minha nora. «Lá está fresquinho e podes mitigar a sede se a trouxeres, o cansaco se andaste muito e a fome se ainda não comeste.

«Entrámos. O lagarto, que apenas viera para trocar de mim, quando me visse á nora, comeu e bebeu, enquanto eu caía na asneira de me lamentar, por passar os dias tirando água, sem ter uma afeição ou um carinho de alguém.

— Tu és bem mais feliz — dizia eu — Vives sem cuidados, apenas buscas o sustento e a manutenção dos teus. Parece-me boa criatura e ainda bem que aparecêste... Ac menos, assim, enquanto trabalho, a lembrança da tua amizade servir-me-há para passar com mais alegria as horas que me afadigam e envelhecem.

«Aparece sempre, meu amigo, para que eu possa confiar-te as minhas máguas e para que tu me ajudes a levar a vida com contentamento. Eu descanso todos os dias a esta hora.

«Aparece que serás bemvindo a esta tua casa.

«E agora vou preparar-me para retomar o trabalho, que são horas.

O lagarto, risonho sempre, lamentou-se:

— E eu que vou ainda para tão longe!

— Onde moras tu — perguntei-lhe.

— Além, junto daquela oliveira que fica á beirinha da estrada.

«Eu zurrei uma gargalhada e disse:

— Uma ninharia para mim. Vamos, meu bom amigo, trepa pela minha cauda que eu vou lá por-te num instante.

«O lagarto não precisou que lhe repetisse o convite e saltou para o meu dorso, rindo, certamente, por ver a parvoeira em que eu caíra.

«Chegámos á toca do meu «amigo»: ele desceu e prometeu nunca mais esquecer o favor.

— Bem, meu velho — disse-lhe eu — isso não tem valor. Todos os dias, assim que principiar o meu descanso, aqui virei buscar-te. A tua amizade vale isso e muito mais.

«O lagarto habituou-se a esperar-me áquelas horas todos os dias. Eu levava-o á nora onde várias vezes preparava surpresas agradáveis para ele, testemunhando-lhe o quanto me era preciosa a sua companhia.

«Ora uma vez em que a nora se avariou, eu tive o

meu descanso mais cedo do que de costume e, como não tinha outro amigo, lembrei-me de procurar o lagarto para que passeassemos juntos.

«Fui de mansinho até a toca, prazenteiro pela surpresa que ia preparar e, quando lá cheguei, escutei para saber se o meu vizinho lá estaria.

E ouvi:

— Bem, meus amigos, vou preparar-me para esperar o burro, que a estas horas deve andar a ganhar os petiscos que lhe vou comer.

«Aquele desgraçado ainda não percebeu que o troço a todo o instante e que ele só serve de motivo para que nós nos riamos da sua patética. Pobre burro! Às vezes tenho pena dele...

«E logo um outro lagarto aconselhou:

— Pena? Porquê? Quem o manda ser tão burro que acredite na amizade do primeiro lagarto que lhe aparece? Ora deixa-te disso! Faze com que ele te conte a sua vida, para que a gente se ria, que bem precisamos. A nossa vida é tão triste... Não vemos mais do que o pó e a lama em que rastejamos, e isso não nos distrai.

«E' precisa a desgraça dos outros para nos divertir.

«Afastei-me, nesse dia, de orelhas caídas e maldizendo a pouca inteligência de que era dotado e não mais lhe apareci.

«Ele, estranhando a minha falta, procurou-me, inquirindo da causa daquela ausência.

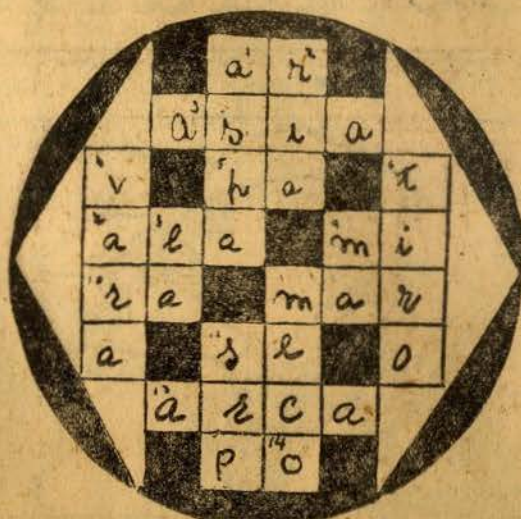
«Então indignadamente, disse-lhe:

— Olha, meu lagartinho das dúzias... podia, com uma pata, acabar com a tua nojenta figura, mas prefiro que vivas, para que continues a rastejar no pó que eu largo das minhas ferraduras e te lembres, quando me vejas, que não deves trocar de nenhum desgraçado, se quizeres viver em paz contigo mesmo.

— Já vê, mestre, que há muitos como nós, mas lagartos há muitos mais com certeza... Cuidado, pois.

# HORA DE RECREIO

PALAVRA CRUZADAS



Solução do problema anterior

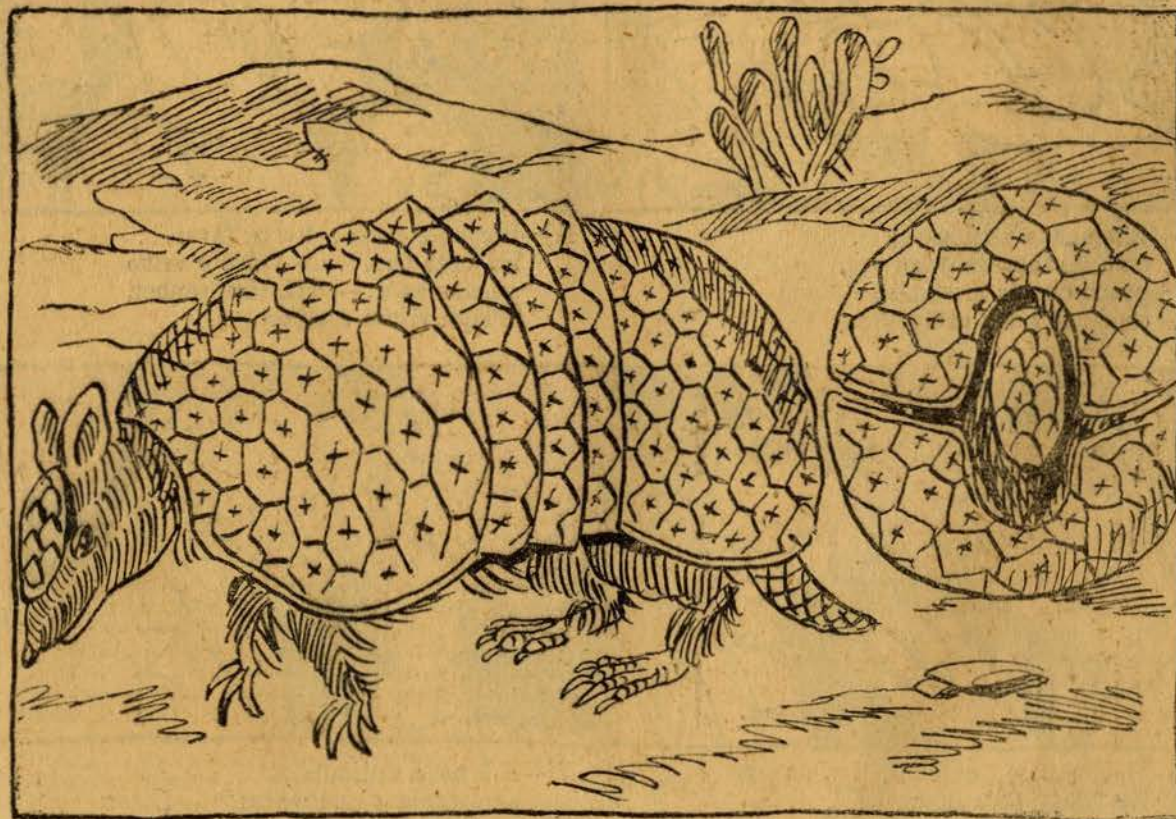
## SENSACIONAL

NO PRÓXIMO NÚMERO

## O FUTEBOL PIM-PAM-PUM!

FIM

### PARA OS MENINOS COLORIREM



O MATACO ou BOLA (Dasypus tricinctus)

# Zé Maria Caçador



I — Zé Maria, Caçador  
à caça há dias andava,  
e, a-pesar-do seu furôr,  
nenhuma peça caçava.



II — Passava choças, casebres,  
galgava montes, deslizes...  
Mas nunca encontrava lebres,  
nem coelhos, nem perlices.



III — Extenuado sentou-se;  
e ao levantar-se outra vez,  
pouco depois avistou-se  
com um velho camponês.



IV — Pergunta então: — «Por favor...  
Há caça aqui?...» Volve o velho  
prontamente: — «Há, sim, senhor,  
já aqui vi um coelho.»



V — Ouvindo tão boa nova,  
Zé Maria, inda inquiriu:  
— «Onde? Em que sítio? Em que cova?  
E a que horas é que o viu?!»



VI — E à nova satisfatória,  
acrescenta o camponês:  
— «Se me não falha a memória,  
há uns vinte anos, talvez!»